

TERMOS DE ESPÉCIE E TIPOS DE PREDICADOS

Fátima Oliveira e Luís Filipe Cunha
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Centro de Linguística da Universidade do Porto
foliveir@netcabo.pt
l.f.cunha@netcabo.pt

Tendo em conta que há dois grandes tipos de frases genéricas, as que se constituem em função de um nominal de espécie e aquelas em que se processa uma generalização sobre indivíduos ou sobre eventos, o objectivo fundamental deste trabalho é o de analisar sob que condições um nominal se constitui como termo de espécie em português europeu, dado que nada na sua estrutura indicia tal leitura.

Uma das questões mais interessantes que se nos colocam quando observamos o comportamento linguístico de nominais que, de alguma forma, manifestam a capacidade de receber uma leitura de espécie prende-se com as restrições a que uma tal leitura parece estar sujeita. Nesta medida, poderíamos dizer, de acordo com Kratzer (1995), que uma leitura de espécie somente será admissível no contexto de predicados de indivíduo, distinguindo-se das frases genéricas caracterizadoras construídas a partir de predicados de estádio¹ aos quais é atribuído um argumento eventivo sobre o qual se opera a generalização.

No entanto, há frases genéricas que manifestam um comportamento com evidentes pontos de contacto com o dos predicados de estádio e que atribuem uma leitura de espécie aos nominais que os integram. Os exemplos (1) e (2) ilustram eventos singulares considerados suficientemente relevantes para se

¹ Tradicionalmente este tipo de predicados tem sido designado como de «fase». No entanto, optámos aqui pela utilização do termo «estádio», na medida em que desejamos evitar ambiguidades no que toca à questão da diferenciação entre estados [\pm «faseáveis»] e estados de indivíduo / «estádio». De facto, na sequência de trabalhos como o de Cunha (1998), postulamos a distinção entre a noção de «fase», que entendemos como um período aspectualmente relevante de uma eventualidade (cf. as componentes do Núcleo Aspectual de Moens (1987)), do conceito de «estádio», que remete somente para um período espacio-temporalmente delimitado de um indivíduo, independente do tipo de situação em que este se encontra envolvido. Por outras palavras, «fase» designa uma realidade eminentemente aspectual enquanto «estádio» parece pertencer preferencialmente ao domínio da temporalidade.

aplicarem à totalidade da espécie e (3) exemplifica um estado formado a partir de várias ocorrências temporalmente diferenciadas.

- (1) O homem (= a espécie humana) chegou à Lua em 1969. (leitura de espécie)
- (2) Bell inventou o telefone. (leitura de espécie)
- (3) O(s) lobo(s) está/estão em vias de extinção. (leitura de espécie)

Assim, a hipótese de tratamento que aqui propomos baseia-se na ideia de que se estabelece, pelo menos até certo ponto, uma dialéctica ou interacção recíproca entre o predicado e as expressões de carácter nominal com valor de espécie que o acompanham: os predicados de indivíduo fornecem as condições indispensáveis para uma leitura de espécie dos nominais que os integram e estes, por sua vez, poderão, em circunstâncias apropriadas, desencadear certas alterações nas características básicas das configurações em que ocorrem, conferindo-lhes traços de predicados de indivíduo, requisito necessário para que uma leitura de espécie possa vir a ser licenciada.

Assim, abordaremos em primeiro lugar os diferentes tipos de frases genéricas, em particular as que se constituem com termos de espécie e as frases caracterizadoras; a seguir apresenta-se uma breve caracterização de nominais como termos de espécie, quer em posição de sujeito, quer de objecto directo; seguidamente discute-se a articulação entre termos de espécie e contextos de ocorrência, nomeadamente a diferença entre leitura de espécie e leitura existencial e também entre predicados de indivíduo e de estádio; depois da discussão de duas propostas sobre a articulação entre termos de espécie e tipo de predicado, apresentam-se alguns dados para uma revisão dessas propostas; por último, apresentam-se algumas questões para uma explicação de casos excepcionais.

1. Tipos de frases genéricas

A partir de pelo menos Krifka et al. (1995) considera-se que a genericidade se pode veicular através de dois grandes tipos de frases: as que se constituem com um termo de espécie e as frases caracterizadoras. No primeiro caso, a genericidade advém do termo de espécie mas no segundo caso é necessário um operador genérico (GN) que permita generalizar sobre situações (tipicamente eventos, mas também estados faseáveis²) ou sobre indivíduos, contribuindo toda a frase para a construção genérica. As frases (4)-(8) ilus-

² Sobre a noção de «estado faseável», veja-se Cunha, 1998.

tram frases genéricas em que a primeira apresenta um termo de espécie e a segunda e a terceira são frases genéricas caracterizadoras construídas com um evento (*fumar*) e com um estado faseável (*ser simpática*). Em (7) e (8) apresentam-se as versões em português europeu de uma frase ambígua em inglês³.

- (4) Os gnus são herbívoros.
- (5) A Maria fuma quando chega a casa.
- (6) A Maria é simpática quando a vida lhe corre bem.
- (7) Os tufões aparecem nesta parte do Pacífico.
- (8) Aparecem tufões nesta parte do Pacífico.

Em (5'), (7') e (8') apresentam-se as respectivas formalizações das frases genéricas correspondentes, utilizando uma estrutura tripartida⁴.

- (5') GN [x, s;] (x = Maria & x chega a casa em s; x fuma em s)
- (7') GN [x, y] (x são tufões; y é esta parte do Pacífico & x aparece em y)
- (8') GN [x,y] (x é esta parte do Pacífico; y são tufões & y aparecem em x)
= GN [x;] (x é esta parte do Pacífico; \exists y [y são tufões & y aparecem em x])

A frase (5) constitui um exemplo típico de uma frase genérica caracterizadora na medida em que vários elementos contribuem para uma tal leitura, como seja o aspecto habitual e a existência de uma variável não ligada, 's'. Com efeito, para que a generalização ocorra é necessário haver, pelo menos, uma variável que não esteja explicitamente ligada a um objecto particular. Se isto não acontecer, só se afirma que um objecto particular (tal como descrito pelo restritor) tem uma certa propriedade (tal como descrita na matriz) e não há generalização.

Embora na frase (5) a oração temporal seja crucial para fornecer essa variável, a ocorrência de uma tal construção não é por si só suficiente para obter uma leitura genérica uma vez que o tipo de predicado é de grande relevância. O contraste de aceitabilidade nos exemplos (9) e (10) advém exactamente de *ser preta* ser aspectualmente um estado e *miar* ser um evento permitindo que 's' varie sobre todas as situações em que *a Tareca mia*:

³ A frase em questão é a seguinte: «Hurricanes arise in this part of the Pacific». A sua importância advém de ter suscitado, pela sua ambiguidade, uma reformulação por parte de Carlson, 1989 relativamente à sua análise anterior (Carlson, 1977), propondo que o operador GN (genérico) deve ser binário. As duas versões em português revelam algumas questões interessantes, como seja a explicitação ou não do artigo ou a diferente ordem de palavras, evidenciando que estas frases estão na zona de interface sintaxe-semântica (cf. Oliveira, 1998).

⁴ Tal estrutura tem a forma Q[A][B] em que A é o restritor e B o seu escopo nuclear (ou matriz). Para um desenvolvimento, veja-se, entre outros, Lewis, 1975 e Krifka et al., 1995.

- (9) ?? A Tareca é fértil quando é preta.
 (9') GN [x;] (x =Tareca & x é preta; x é fértil)
 (10) A Tareca tem fome quando mia.
 (10') GN [x, s;] (x 0 Tareca & x mia em s; x tem fome em s)

Como a generalização não se pode fazer sobre uma só ocorrência de uma situação e esta tem de ser delimitada para poder ser contada, isto é, ocorrer várias vezes, os estados não parecem ser bons candidatos para a construção de frases caracterizadoras uma vez que não são delimitados por natureza e não apresentam qualquer estrutura interna⁵. Por isso Kratzer (1995) defende que um predicado estativo não fornece uma variável de situação e De Swart (1991) considera que, mesmo quando há uma variável de situação, a frase pode ser inaceitável, se o evento for único:

- (11) ?? Usualmente, a Maria está triste quando o Pantufa morre.

Depois destas breves observações, podemos desde já considerar que o tipo de predicado é de grande relevância para a construção de frases genéricas caracterizadoras.

2. Caracterização de nominais como termos de espécie

Contrariamente ao que acontece noutras línguas, em português europeu não há um tipo particular de nominal para a leitura de espécie. Assim, uma das hipóteses que se pode colocar é a de que também a frase pode contribuir para tal leitura e muito em particular o tipo de predicado.

Nessa medida, convém num primeiro momento explicitar de forma breve os contextos e as construções em que é possível atribuir uma leitura de espécie a um nominal, quer considerando a distinção entre predicados de espécie, de indivíduo e de estádio, quer considerando diferentes determinantes.

2.1 *Nominais em posição de Sujeito*

Consideramos em primeiro os nomes contáveis, com artigo definido tanto no singular como no plural⁶. Em (12) e (13) obtém-se uma leitura de espécie

⁵ Note-se que esta observação é demasiado abrangente uma vez que é possível construir frases genéricas caracterizadoras com «estados faseáveis».

⁶ Não se apresentam aqui exemplos com massivos em virtude de as suas leituras serem semelhantes às dos contáveis, com a excepção de que aqueles só podem comparecer no singular morfológico.

do nominal em posição de sujeito em virtude de no primeiro dos exemplos estar presente um predicado de espécie (*estar em vias de extinção*) e no segundo haver um predicado de indivíduo (*ser inteligente*). No exemplo (14), a leitura só pode ser episódica em virtude de o predicado ser de estádio.

(12) A baleia está / as baleias estão em vias de extinção.

(13) A baleia é inteligente / as baleias são inteligentes.

(14) #A baleia está / as baleias estão na baía⁷.

Em segundo lugar, veja-se a ocorrência destes nomes com artigo indefinido. Em (15) a leitura possível só pode ser a taxinômica (ou também chamada de subespécie), pois a combinação de um predicado de espécie com um indefinido só admite, nos casos em que tal é possível, a leitura de subespécie da espécie em consideração. A frase exemplificada em (16), com um predicado de indivíduo, parece muito pouco natural e em (17) temos uma leitura episódica em virtude de ocorrer um predicado de estádio⁸.

(15) Uma baleia está em vias de extinção.

(16) ?? Uma baleia é inteligente.

(17) # Uma baleia está na baía.

Por fim, vejamos alguns casos especiais de nomes simples, quer contáveis no singular ou no plural, quer ainda massivos. Trata-se de casos excepcionais em que, apesar do seu interesse do ponto de vista semântico e também sintático, não apresentam leitura de espécie em posição de sujeito⁹. Assim, os nomes simples contáveis no singular não podem ocorrer a não ser com modificação como em (18), mas neste caso não se trata de leitura de espécie mas antes de uma frase caracterizadora cuja leitura pode ser parafraseada por «se a criança é pequena, então faz asneiras». Porém, em contexto definitório, como em (19), um nome simples contável pode ocorrer em posição de sujeito¹⁰.

(18) Criança pequena faz asneiras. (Duarte et al., 1998)

(19) (O que é baleia?) Baleia é um mamífero que vive no mar.

⁷ Utiliza-se o sinal '#' nos casos em que a frase, sendo bem formada, não apresenta a leitura relevante, em particular, um termo de espécie.

⁸ Note-se que é possível obter frases genéricas com indefinidos em posição de sujeito como «Uma baleia come 500 quilos de alimento por dia». No entanto, tratando-se de uma frase caracterizadora, a leitura do nominal como termo de espécie é discutível.

⁹ Para um desenvolvimento desta questão do ponto de vista semântico, veja-se Oliveira, 1998 e Müller e Oliveira, 2002.

¹⁰ De acordo com Kleiber, 1990, trata-se da noção ou do conceito, no caso concreto, de *baleia*.

Quanto aos nomes simples contáveis no plural, verificamos que podem ocorrer em contexto definitório, (20), tal como no singular, mas em contexto de predicado de espécie, (21), ou de indivíduo, (22), parecem pouco ou mesmo nada aceitáveis. Só (23), construído com um predicado de estágio não levanta quaisquer problemas, embora exiba uma leitura episódica.

(20) Baleias são mamíferos de grandes dimensões.

(21) ??Elefantes estão extintos.

(22) * Elefantes são inteligentes.

(23) Elefantes comeram a erva do parque.

Os nomes simples massivos parecem também poder ocorrer em contexto definitório e apresentam pouca aceitabilidade em contexto de predicado de espécie, tal como os contáveis no plural.

(24) Ouro é um metal precioso.

(25) ?? Ouro é raro (em Portugal). (predicado de espécie).

2.2. *Nominais em posição de Objecto Directo*

Nesta posição podemos encontrar alguns casos de leitura de espécie com artigo definido quer com nomes contáveis no singular, quer ainda com massivos em associação com predicados de espécie eventivos, como é o caso de *inventar*. Com indefinidos, só a leitura taxinómica parece ser aceitável, como se pode ver em (28):

(26) Bell inventou o telefone / ??os telefones.

(27) Os gregos inventaram o vinho.

(28) X inventou um chip.

Quanto aos nomes simples contáveis e também massivos, podemos dizer que, em português europeu, admitem excepcionalmente uma leitura de espécie em contextos muito particulares, distinguindo-se neste aspecto das outras línguas românicas que, como o italiano e o espanhol, admitem nomes simples em outras construções.

Convém, no entanto, referir que, em português europeu, nomes simples contáveis no plural e massivos são aceitáveis quando governados por um núcleo lexical e nomes simples sem número não o são, tal como se pode ver nos exemplos seguintes:

(29) A Maria comeu bolachas / sopa.

(30) *A Maria comeu bolacha.

Assim, a excepcionalidade do português europeu reside na possibilidade de obter uma leitura de espécie de nomes simples contáveis no plural e também massivos associados a predicados estativos (disposicionais) de indivíduo, como em (31)-(34). O exemplo (33) parece constituir uma exceção ao que acaba de ser dito comparativamente com (34). No entanto, o referido exemplo é aceitável uma vez que se operou uma mudança de tipo de nome, deixando *coelho*, neste contexto, de ser um nome contável para passar a ser um nome massivo.

(31) Ela adora gatos (siameses).

(32) Ele adora café / chá.

(33) Ele detesta coelho.

(34) * Ele detesta gato.

Do que atrás foi dito pode concluir-se que os sintagmas com leitura de espécie ocorrem preferencialmente com definidos, quer no singular (contáveis e massivos), quer no plural (contáveis). Com indefinidos a leitura de espécie parece ser a taxinómica e com nomes simples não manifestam leitura de espécie a não ser em posição de Objecto Directo com certos estativos, como se viu acima.

Com efeito, em posição de Sujeito pré-verbal nomes simples, massivos e contáveis no plural, podem ocorrer, modificados ou não, com leitura genérica em contextos adequados¹¹ ou com leitura existencial, mas não apresentam leitura de espécie, como se pode observar nos exemplos (35)-(37) em que este último tem leitura existencial.

(35) Leite (magro) faz bem à saúde.

(36) Baleias (brancas) invadem a baía frequentemente.

(37) Baleias (brancas) invadiram a baía.

Assim, a discussão sobre a articulação entre termos de espécie e tipos de predicados, que a seguir se apresenta, vai incidir fundamentalmente sobre os sintagmas com definido, quer singular, quer plural.

3. Termos de Espécie e contextos de ocorrência

Em virtude de podermos considerar que espécies são regularidades que ocorrem na natureza (ou no mundo) cujas manifestações espaço-temporais

¹¹ Esses contextos são em especial predicados caracterizadores, o aspecto habitual e advérbios de quantificação como *sempre*, *frequentemente*.

são tipicamente ‘descontínuas’, podemos também dizer que a cada propriedade natural (como *ser leão*) corresponde uma espécie e para cada espécie natural haverá uma correspondente propriedade (a de pertencer a essa espécie).

Porém, o que conta como espécie não é directamente estabelecido pela gramática, mas pelo conhecimento partilhado¹². Por isso varia, até certo ponto, com o contexto.

Assim, o objectivo central dos pontos seguintes consiste em determinar os contextos que licenciam uma leitura de espécie para uma expressão nominal (com definido singular e plural).

3.1. *Leitura de Espécie versus Leitura Existencial*

Uma das questões mais interessantes que se nos colocam quando observamos o comportamento linguístico de sintagmas que, de alguma forma, manifestam a capacidade de receber uma interpretação de espécie prende-se com as restrições a que uma tal leitura parece estar sujeita. Com efeito, se a interpretação existencial dos referidos sintagmas não levanta grandes problemas, pelo menos quando lidamos com indivíduos ou grupos, na medida em que se afigura perfeitamente acessível em praticamente todos os seus contextos de ocorrência, à excepção dos designados predicados de espécie (cf. (38)-(43)), já a leitura de espécie está confinada a determinadas configurações particulares ((44)-(49)).

(38) O(s) lobo(s) comeu/comeram o veado.

(39) O(s) lobo(s) saltou/saltaram.

(40) O(s) lobo(s) atravessou/atravessaram o rio.

(41) O(s) lobo(s) é/são grande(s).

(42) O(s) lobo(s) é/são assustador(es).

(43) O(s) lobo(s) habitou/habitaram esta região (antes de ter(em) ido para as montanhas).

(44) # O(s) lobo(s) comeu/comeram o veado¹³.

(45) # O(s) lobo(s) saltou/saltaram.

(46) # O(s) lobo(s) atravessou/atravessaram o rio.

(47) O(s) lobo(s) é/são grande(s).

(48) O(s) lobo(s) é/são assustador(es).

(49) O(s) lobo(s) habitou/habitaram esta região (antes de ter(em) ido para as montanhas).

¹² Veja-se a este respeito Krifka et al., 1995 ou Chierchia, 1998.

¹³ Embora nem todos os «nomes de espécie» sejam identificáveis com entidades da natureza como animais e plantas, com taxinomias perfeitamente delimitadas, optámos por iniciar a nossa exposição utilizando um desses exemplos, com o objectivo de facilitar a distinção entre leitura existencial e leitura de espécie. De facto, esta última poderá ser obtida através da substituição da expressão nominal pela designação científica correspondente (no presente caso *Canis lupus*).

À primeira vista, poderíamos supor que uma leitura de espécie se encontra intimamente ligada ao carácter estativo das predicacões envolvidas: nesse sentido, tal leitura estaria exclusivamente confinada a contextos estativos. Os dados que apresentam sintagmas definidos com potencial de espécie em posição de Objecto Directo parecem apontar na mesma direcção:

- (50) # O Pedro avistou o(s) lobo(s). (leitura de espécie)
- (51) # A Maria prendeu o(s) lobo(s). (leitura de espécie)
- (52) O Pedro adora o(s) lobo(s). (leitura de espécie)
- (53) A Maria teme o(s) lobo(s). (leitura de espécie)

No entanto, a hipótese aqui sugerida enfrenta obstáculos difíceis de superar. Nomeadamente, existem estados, como os dos exemplos (54)-(56), em que uma leitura de espécie dos sintagmas definidos é totalmente excluída, tal como sucede com a grande maioria dos eventos.

- (54) # O(s) lobo(s) está/estão deitado(s). (leitura de espécie)
- (55) # O(s) lobo(s) está/estão faminto(s). (leitura de espécie)
- (56) # O(s) lobo(s) teve/tiveram febre. (leitura de espécie)

Verificamos, pois, que a presença de uma predicacão estativa não é condição suficiente para o licenciamento da leitura de espécie. Quais serão, nesse caso, as propriedades semânticas que propiciam uma tal leitura? É o que procuraremos investigar em seguida.

3.2. *Predicados de Indivíduo versus Predicados de Estádio*

Dados como os apresentados em (54)-(56) sugerem que os designados estados de estádio se comportam, basicamente, como os eventos, no sentido em que não parecem acomodar uma leitura de espécie para as descrições definidas que neles participam. Tal facto poderá servir-nos como ponto de partida para a elaboração de uma nova hipótese de explicação para o problema que nos tem vindo a ocupar aqui.

Na esteira de Carlson (1977), que defende que a distinção entre predicados de indivíduo e predicados de estádio estará na origem das divergências, ao nível da interpretação, que surpreendemos no seio dos «meros plurais»¹⁴ – nomeadamente, que uma leitura existencial se encontra indissociavelmente ligada a predicados de estádio, ao passo que uma leitura «genérica» é despo-

¹⁴ «Meros plurais» é uma expressão que traduz «bare plural». No entanto, é também comum na literatura utilizar-se «nomes simples».

letada por predicados de indivíduo –, proporemos que uma tal divisão comporta importantes consequências no que respeita ao estabelecimento de uma leitura de espécie com sintagmas definidos.

Antes, porém, de prosseguirmos esta linha de análise, importa dar, ainda que brevemente, algumas indicações acerca da distinção de que nos iremos ocupar.

Os predicados de indivíduo poderão ser encarados como aqueles que directamente caracterizam uma entidade, descrevendo as propriedades que lhe são «permanentes» ou «intrínsecas». Os predicados de estádio, pelo contrário, apenas dão conta de especificidades que se relacionam com «porções» espaço-temporalmente delimitadas de um indivíduo, o que significa que, tipicamente, revelam um carácter, por assim dizer, mais «temporário».

Uma definição como esta vai acarretar, naturalmente, consequências importantes ao nível do comportamento linguístico ostentado por cada uma das classes propostas. Dado que os estados de indivíduo caracterizam directamente uma entidade, eles irão revelar algumas incompatibilidades com determinados adverbiais temporais de duração e de localização, sendo, por outro lado, praticamente impossível quantificá-los por meio de expressões como *sempre que*. Os predicados de estádio, pelo contrário, não manifestam quaisquer restrições combinatórias com adverbiais de duração e de localização temporal, podendo ser facilmente quantificados e ocorrendo, sem grandes dificuldades, no contexto de adverbiais de localização temporal estrita (pontuais), ocasionando uma interpretação de inclusão destes no tempo em que decorrem. Finalmente, predicados manifestamente de estádio parecem ser de todo impossíveis sob o escopo do operador aspectual *passar a*, ao contrário do que sucede com os predicados de indivíduo. Observe-se o contraste entre os dois grupos de exemplos seguintes:

- (57) * O João foi alto na semana passada.
- (58) * Sempre que o João é alto, inscreve-se na equipa de basketball.
- (59) * O João foi/era alto às duas da tarde.
- (60) O João passou a ser alto (desde que foi para a praia todos os Verões).

- (61) A Maria esteve doente na semana passada.
- (62) Sempre que a Maria está doente, toma chá de limão com mel.
- (63) A Maria esteve/estava doente às duas da manhã.
- (64) * A Maria passou a estar doente. (leitura não habitual)

Tal como, segundo Carlson (1977), os predicados de indivíduo induzem leituras «genéricas» aos meros plurais, poderíamos sugerir que a referida classe favorece ou permite uma leitura de espécie para os sintagmas definidos,

tanto em posição de Sujeito quanto de Objecto Directo. Ou seja, diríamos que uma leitura de espécie somente será admissível no contexto de predicados de indivíduo, embora não excluindo interpretações existenciais das configurações em causa, como, por exemplo, em «O miúdo é alto».

Uma abordagem deste género parece ter a seu favor um conjunto significativo de factos linguísticos, dos quais destacaremos apenas três: a. as construções habituais; b. a distinção entre *ser* e *estar*; c. a diferença entre estados «faseáveis» e não «faseáveis».

Se admitirmos, como os exemplos que se seguem deixam transparecer, que as frases de cariz habitual se comportam como verdadeiros predicados de indivíduo (nomeadamente, apresentam restrições quanto à combinação com adverbiais de mera localização temporal como em (65) e (68); resistem à quantificação por expressões como *sempre que* como em (66) e (69) e submetem-se, sem problemas, ao escopo do operador *passar a* como em (67) e (70)), não será de estranhar que suportem uma leitura de espécie para sintagmas definidos, tal como é ilustrado por (71)-(73):

(65) * Ontem, o João ia ao cinema habitualmente.

(66) * Sempre que o João ia ao cinema habitualmente, atrasava os seus trabalhos.

(67) O João passou a ir ao cinema habitualmente.

(68) * Ontem, a Maria escrevia artigos frequentemente.

(69) * Sempre que a Maria escrevia artigos frequentemente, ficava famosa.

(70) A Maria passou a escrever artigos frequentemente.

(71) A(s) águia(s) faz(em) os ninhos nas montanhas. (leitura de espécie)

(72) O(s) lobo(s) caça(m) javalis. (leitura de espécie)

(73) O(s) mamute(s) comia(m) erva. (leitura de espécie)

As frases não habituais correlativas, na medida em que descrevem simples eventos, correspondendo a predicados de estádio, não parecem tolerar a leitura de espécie aqui patenteada. Com efeito, as inferências obtidas entre os dois tipos de estruturas são bem diferentes, corroborando o que acabámos de afirmar: se uma frase não habitual como «As águias fizeram o ninho nas montanhas» pode, sob um certo ponto de vista, ser parafraseada por «As aves fizeram o ninho nas montanhas», já a construção habitual correspondente ostentando uma leitura de espécie (ou seja, «As águias fazem o ninho nas montanhas») não é de todo equiparável a «As aves fazem o ninho nas montanhas», demonstrando que existem divergências muito significativas em termos do estatuto semântico do sintagma em posição de sujeito. Em particular, diremos que um SN que ostente uma leitura meramente existencial pode ser substituído, nos contextos relevantes, pelos seus hiperónimos sem que se verifique uma considerável alteração do significado; pelo contrário,

um SN com valor de espécie não se encontra sujeito a este tipo de monotonicidade¹⁵.

Em segundo lugar consideremos a distinção entre *ser* e *estar* em construções de tipo predicativo que, como veremos, parecem apoiar a análise aqui desenvolvida. Tradicionalmente tem sido defendido que as configurações com *ser* descrevem predicados de indivíduo, enquanto as que integram *estar* veiculam predicados de estádio. Se uma tal assumpção está correcta, isso significa que, tipicamente, apenas as estruturas com *ser* permitem uma interpretação de espécie para os sintagmas envolvidos. Os exemplos que a seguir indicamos apontam nesse sentido:

- (74) Os gnus são herbívoros.
- (75) As baleias são pacíficas.
- (76) Os elefantes são fortes.
- (77) # Os gnus estão deitados.
- (78) # As baleias estão pacíficas.
- (79) # Os elefantes estão fortes.

Um último argumento em favor das propostas que temos vindo a defender prende-se com o comportamento linguístico dos designados estados «faseáveis». Quando revelam plenamente o seu cariz estativo, estas estruturas permitem, sem dificuldades, uma leitura de espécie para os SNs que as integram; se, pelo contrário, sofrem comutações na Rede Aspectual que as obrigam a alterar a sua configuração temporal interna para a que caracteriza os processos, apenas uma leitura existencial se encontra disponível. Vejam-se os exemplos (82)-(84) em que, através da aplicação do operador de Progressivo ou da integração em orações temporais introduzidas por *quando*, se evidencia a impossibilidade de uma leitura de espécie¹⁶.

- (80) O(s) lobo(s) é/são agressivo(s).
- (81) O(s) coelho(s) é/são guloso(s).
- (82) # O(s) lobo(s) está/estão a ser agressivo(s). (leitura de espécie)

¹⁵ Esta generalização parece estender-se também aos casos em que a habitualidade não está envolvida. Comparem-se os seguintes exemplos:

- (i) Os gatos estão deitados a descansar. (leitura existencial)
- (ii) Os felinos estão deitados a descansar. (leitura existencial)
- (iii) Os gatos são mansos. (leitura de espécie)
- (iv) Os felinos são mansos. (leitura de espécie)

Se é certo que (ii) pode parafrasear (i), já (iv) não parece equivaler a (iii). Ou seja, nos casos sob análise, a equivalência de significação na monotonicidade crescente apenas se aplica à leitura existencial.

¹⁶ A construção progressiva ou o recurso a orações temporais constituem alguns dos critérios que permitem distinguir estados faseáveis de não faseáveis. Estes últimos não ocorrem em tais contextos.

- (83) # O(s) coelho(s) está/estão a ser guloso(s). (leitura de espécie)
(84) # Quando os cães os atacaram, os lobos foram agressivos. (leitura de espécie)
(85) # Quando viram o monte de cenouras, os coelhos foram gulosos (e por isso caíram na armadilha). (leitura de espécie)

Propostas como as desenvolvidas por Kratzer (1995) parecem, pelo menos até certo ponto, ser adequadas para descrever este tipo de comportamentos. Com efeito, a ideia de que os predicados de estádio, contrariamente aos de indivíduo, ostentam um argumento adicional para a localização espácio-temporal poderá ser muito útil no que diz respeito à explicação para os padrões distribucionais dos nomes de espécie. Vejamos em que medida.

Sempre que o operador de genericidade se aplica a predicados de estádio, ele integrará o argumento espácio-temporal que obrigatoriamente os acompanha no seu escopo, dando origem a frases caracterizadoras (i.e., quantificando sobre a predicação em si mesma). Pelo contrário, quando o operador de genericidade se combina com predicados de indivíduo, os únicos argumentos disponíveis para «preencherem» o seu domínio de aplicação serão os nominais presentes na frase, obtendo-se, assim, a leitura de espécie característica destes contextos.

A teorização de Kratzer (1995) parece explicar, de forma adequada, a razão pela qual não é possível encontrar nominais com uma leitura de espécie no contexto de eventos e de estados de estádio: na medida em que tais predicções integram um argumento de natureza espácio-temporal, este será o único candidato disponível para a aplicação do operador de genericidade. Somente nos casos em que a referida posição argumental se encontra ausente, i.e., com predicados de indivíduo, é que os nominais estarão em condições de ocorrer sob o escopo do operador de genericidade, obtendo uma leitura de espécie.

Se é certo que a abordagem que aqui temos vindo a expor não oferece quaisquer problemas à análise de predicções básicas, já a acomodação dos factos manifestados por parte de certas estruturas derivadas (nomeadamente no que concerne aos estados habituais) requer uma revisão das assumpções adoptadas. Na verdade, tais construções, porque derivadas a partir de eventos, comportam, necessariamente, um argumento espácio-temporal. Dado que nos encontramos perante frases caracterizadoras, tal argumento estará sob o escopo de um operador de genericidade. O que se torna mais interessante, porém, é que, nestes casos, se afigura possível inserir um outro operador de quantificação genérica aplicado a nominais com um potencial de leitura de espécie. Comparem-se as seguintes frases:

- (86) (Gosto muito destas águias que passam por aqui ao fim da tarde.) As águias fazem os ninhos nas montanhas (e descem para os campos junto ao rio à procura de alimento). (leitura existencial)

(87) (Porque precisam de defender as crias contra os predadores), as águias fazem os ninhos nas montanhas. (leitura de espécie)

Tanto em (86) quanto em (87) estamos perante frases caracterizadoras, o que significa, em última instância, que um operador de genericidade actua sobre eventos por forma a conferir-lhes um valor de habitualidade. Em (87), porém, confrontamo-nos adicionalmente com um sintagma ostentando uma leitura de espécie, o que nos leva a acreditar que um outro operador de genericidade, neste caso directamente aplicado ao indivíduo descrito pela expressão nominal, tem que estar presente. Ora, uma proposta como a de Kratzer não parece poder prever a integração, numa mesma frase, de dois operadores de quantificação genérica, um associado ao argumento espacio-temporal e o outro a um nominal (atribuindo-lhe uma interpretação de espécie). Se, pelo contrário, assumirmos que a presença de um predicado de indivíduo, seja qual for a sua constituição interna, é suficiente para licenciar uma leitura de espécie, exemplos como (87) deixarão de ser problemáticos: independentemente da presença de um argumento espacio-temporal, as frases habituais comportam-se como estados de indivíduo, o que será suficiente para a admissão de um sintagma com leitura de espécie¹⁷.

A distribuição dos nominais com um valor de espécie levanta, contudo, dificuldades ainda mais complexas, que nenhuma das propostas até aqui desenvolvidas está em condições de solucionar. Na próxima secção deste trabalho procuraremos reflectir um pouco sobre elas, bem como sobre algumas pistas que nos conduzam à sua resolução.

4. Dados para uma revisão da proposta apresentada

A hipótese de trabalho que temos vindo a prosseguir ao longo da presente secção não está, de modo algum, isenta de objecções. Uma das mais significativas, em nossa opinião, tem a ver com o facto de certas configurações linguísticas, que ostentam um comportamento com evidentes pontos de contacto com o dos predicados de estádio (cf. eventos singulares considerados suficientemente relevantes para se aplicarem à totalidade da espécie ou estados for-

¹⁷ Levada às suas últimas consequências, a proposta de Kratzer não poderia admitir a ideia de que um estado habitual seria um predicado de indivíduo, dado que comporta, obrigatoriamente, um argumento espacio-temporal. Veja-se, além disso, a argumentação desenvolvida por Parsons (1990) e também por Chierchia (1995) que vai no sentido de defender a necessidade de um argumento situacional tanto para predicados de estádio quanto de indivíduo.

mados a partir de várias ocorrências temporalmente diferenciadas), suportarem uma interpretação de espécie para os SNs que os integram. Uma tal constatação é tanto mais surpreendente quanto algumas destas estruturas se revelam verdadeiros predicados de espécie ou seja, predicados que, tendencialmente, se aplicam em exclusivo a nomes de espécie, ocasionando anomalia semântica na presença de outros tipos de indivíduos (cf. *estar em vias de extinção, ser abundante/raro*, etc.).

Observem-se os seguintes exemplos ilustrativos:

(88) O homem (= a espécie humana) chegou à Lua em 1969. (leitura de espécie)

(89) Bell inventou o telefone. (leitura de espécie)

(90) O(s) lobo(s) está/estão em vias de extinção. (leitura de espécie)

(91) O(s) cogumelo(s) é/são abundantes. (leitura de espécie)

(88) combina um predicado eventivo (considerado suficientemente relevante) com um sintagma em posição de sujeito que ostenta uma leitura de espécie; (89) ilustra um caso semelhante, mas com o nominal que recebe a leitura de espécie desempenhando a função sintáctica de Objecto Directo. (90) e (91) integram estativos que, apesar de não se enquadrarem totalmente no padrão de ocorrência típico dos estados de indivíduo, suportam, sem grande dificuldade, interpretações de espécie para os seus nominais em posição de Sujeito. Uma leitura de espécie será, por conseguinte, possível em predicacões que não se comportam (pelo menos à superfície) como verdadeiros predicados de indivíduo. Revelarão estes exemplos a capacidade de invalidar totalmente a hipótese de tratamento anteriormente avançada? Como poderemos compatibilizar as predições efectuadas em 3.2. – em nosso entender basicamente correctas – relativas a estados habituais, à oposição entre *ser* e *estar* e à questão da «faseabilidade» com tais configurações?

Uma pista muito interessante para a resolução do problema sob análise prende-se com a observação de que, embora as configurações em causa não possam ser de todo concebidas enquanto predicados de indivíduo em estado «puro», manifestam sempre, de uma maneira ou de outra, propriedades que considerámos serem típicas desta classe de predicados. Por outras palavras, encontramos-nos face a predicados que, pelo menos a avaliar pelo seu comportamento algo «híbrido», por alguma razão, «absorvem» marcas características dos predicados de indivíduo. Tal alteração sucede tanto com eventos considerados suficientemente relevantes para se alargarem a uma espécie quanto com estados cuja significação envolva a possibilidade de recorrência de uma dada situação, como os exemplos que a seguir apresentamos parecem confirmar.

(92) Ontem, o homem chegou à Lua¹⁸.

(93) O homem chegou à Lua às 2 horas da manhã.

(94) * O homem passou a chegar à Lua.

(95) # Sempre que o homem chega à Lua, espantamo-nos com o desenvolvimento tecnológico (leitura de espécie)

(96) Ontem, Bell inventou o telefone.

(97) Bell inventou o telefone às duas da manhã.

(98) * Bell passou a inventar o telefone.

(99) * Sempre que Bell inventa o telefone, recebe um prémio em dólares.

Estas frases ilustram casos em que uma única ocorrência de um evento relevante é suficiente para conferir uma nova característica à espécie envolvida. Nesse sentido, não surpreende que, tal como sucede com os predicados de indivíduo, não seja possível qualquer tipo de quantificação com expressões do género de *sempre que*. No restante, as estruturas sob análise comportam-se como a generalidade dos eventos, isto é, enquanto predicados de estádio.

(100) * Ontem, os lobos estiveram em vias de extinção.

(101) * Os lobos estiveram em vias de extinção às 5 da tarde.

(102) Os lobos passaram a estar em vias de extinção.

(103) Sempre que os lobos estão em vias de extinção, a sua caça é expressamente proibida.

(104) # Ontem, os cogumelos foram abundantes.

(105) * Os cogumelos foram abundantes às seis da manhã.

(106) Os cogumelos passaram a ser abundantes (nesta região).

(107) Sempre que os cogumelos são abundantes, as empresas que os vendem têm lucros consideráveis.

As predicções aqui representadas parecem ter origem num conjunto recorrente de ocorrências que, tomado na sua globalidade, permite caracterizar a espécie envolvida. Suportam, sem problemas, a quantificação mas manifestam importantes restrições no que respeita à combinação com adverbiais de localização temporal, como acontece com os predicados de indivíduo. Ou seja, apesar de manterem algumas propriedades que as aproximam inegavelmente dos predicados de estádio, as configurações sob análise demonstram igualmente características típicas dos predicados de indivíduo.

Uma análise atenta aos dados expostos permite-nos, pois, acreditar que a intuição inicial que nos tem conduzido está no caminho certo: existe, na realidade, uma forte ligação entre nominais com leitura de espécie e traços rela-

¹⁸ Não estamos aqui, obviamente, interessados na veracidade destes enunciados, mas apenas na questão da sua aceitabilidade em termos puramente formais. Uma frase como (92) parece absolutamente adequada se proferida no dia seguinte à chegada de Neil Armstrong à Lua.

tivos a predicados de indivíduo. Importa, no entanto, reformular a proposta adiantada, por forma a enquadrar exemplos como os que nos têm vindo a ocupar.

Antes, porém, de tentarmos fornecer um esboço de postulado que nos permita acomodar, de modo adequado, as condições que regem a leitura de espécie de sintagmas definidos, prestaremos ainda um pouco mais de atenção aos casos de predicados eventivos em combinação com nomes de espécie.

O que levará as construções em causa a alterarem algumas das suas propriedades intrínsecas com vista a uma aproximação aos predicados de indivíduo? A presença de sintagmas ostentando um potencial de leitura de espécie, em conjugação com um certo tipo de «relevância» da eventualidade descrita no decurso da História, poderá considerar-se uma hipótese interessante. Observem-se os contrastes seguintes:

- (108) O homem chegou à Lua. (leitura de espécie)
- (109) O vaivém Discovery chegou à Lua. (leitura existencial)
- (110) O(s) canguru(s) apareceu/apareceram na Austrália. (leitura de espécie)
- (111) O(s) canguru(s) apareceu/apareceram no meu quintal. (leitura existencial)
- (112) # Sempre que o homem chega à Lua, há avanços na ciência.
- (113) Sempre que o vaivém Discovery chega à Lua, há avanços na ciência.
- (114) # Sempre que o canguru aparece na Austrália, os cientistas ficam atónitos¹⁹.
- (115) Sempre que o canguru aparece no meu quintal, os cientistas ficam atónitos.

O que parece fazer a diferença, no que respeita à estrutura semântica destas frases, é a presença *versus* ausência de um nominal com uma leitura de espécie. Na realidade, quando nos confrontamos com uma leitura meramente existencial do sintagma em causa, a quantificação torna-se possível, comportando-se a predicação como um verdadeiro predicado de estádio; se, no entanto, é introduzido um nominal com valor de espécie, a predicação altera algumas das suas características típicas (nomeadamente em termos quantitativos), ostentando um comportamento mais próximo daquele que identifica os predicados de indivíduo.

Não se nos afigura, pois, de todo descabido colocar a hipótese de que é a presença de um nominal com potencial de espécie que, provavelmente em conjugação com o contexto da frase, altera algumas das suas especificações por

¹⁹ Note-se que não se deve confundir uma leitura estritamente de espécie com uma leitura que remete para membros de uma espécie. Por exemplo, uma frase como «Sempre que os mosquitos aparecem nesta região, o governo toma medidas de controlo» parece remeter para o conjunto de indivíduos e não para a espécie em si mesma, pelo que a quantificação se torna natural. A fronteira entre uma leitura de espécie e a de membros de uma espécie não é, no entanto, sempre fácil de delimitar. Não sendo este o objectivo central do presente trabalho, deixamos a questão em aberto.

forma a poder vir a ser licenciado. Isto significa, em última análise, que não são apenas os predicados que condicionam a comparência de sintagmas com uma leitura de espécie, mas que o elemento nominal poderá, em circunstâncias apropriadas, dar o seu contributo no sentido de criar as condições indispensáveis para a sua ocorrência.

Sublinhemos, no entanto, que existem configurações cuja estrutura não pode ser reorientada no sentido de uma leitura como predicados de indivíduo, nomeadamente nos casos em que as propriedades veiculadas pela globalidade do evento não são concebidas como suficientemente «relevantes» para a espécie que caracterizariam. Daí a completa impossibilidade de SNs com valor de espécie em frases como as que se seguem:

(116) # Os gatos subiram à árvore.

(117) # Os gatos desapareceram do meu quintal.

Em suma, a hipótese de tratamento que aqui propomos baseia-se na ideia de que se estabelece, pelo menos até certo ponto, uma dialéctica ou interacção recíproca entre o predicado e as expressões de carácter nominal com valor de espécie que o acompanham: os predicados de indivíduo fornecem as condições indispensáveis para a comparência de uma leitura de espécie dos nominais; estes, por sua vez, poderão, em circunstâncias apropriadas, despoletar certas alterações nas características básicas das configurações em que ocorrem, conferindo-lhes traços de predicados de indivíduo, requisito necessário para que uma leitura de espécie possa vir a ser licenciada.

Com o objectivo central de acomodar devidamente todos os casos aqui analisados, propomos a seguinte reformulação para a descrição das condições de licenciamento de nominais com valor de espécie:

(118) *Um nominal (definido) está em condições de receber uma interpretação de espécie sse a predicação em que comparece ostenta (pelo menos alguns) traços ou marcas de predicado de indivíduo.*

Uma formulação deste género permite não só dar conta da plena compatibilidade que se verifica entre a totalidade dos predicados de indivíduo (básicos ou derivados) e uma leitura de espécie para as expressões nominais definidas, mas também dos casos em que, embora estando presentes predicações de estádio, estas vêem o seu «perfil» semântico alterado (provavelmente devido à influência dos nominais com valor de espécie) no sentido de uma aproximação às características típicas dos predicados de indivíduo.

Em conclusão, diremos que uma leitura de espécie parece estar confinada, de uma forma ou de outra, a configurações que manifestem «marcas» ou tra-

ços de predicados de indivíduo, mesmo que estes não pertençam ao seu «perfil» semântico de origem. Assim, são passíveis de integrar nominais como termos de espécie todos os predicados de indivíduo, independentemente de serem: a. básicos ou derivados; b. eventos que se convertem em predicados de espécie em função da sua relevância em termos históricos; c. estados construídos a partir da múltipla ocorrência de situações que, embora temporalmente delimitáveis, podem caracterizar uma espécie.

As interpretações existenciais, pelo contrário, não parecem estar sujeitas a quaisquer restrições semânticas relevantes, surgindo com todos os tipos de predicados.

Finalmente, é importante sublinhar que os nominais com potencial de leitura de espécie não se apresentam nas estruturas em causa de um modo inteiramente «passivo», mas, ao invés, desempenham, por vezes, um papel fulcral na modificação de certas propriedades características das predicções em que se integram, por forma a criarem as condições requeridas para a sua ocorrência. Tal observação remete-nos para o facto de a própria constituição interna dos sintagmas em questão não ser de todo indiferente no que diz respeito ao problema que aqui nos ocupa. Com efeito, existem variações significativas, em termos de interpretação, em conformidade com o tipo de sintagma que veicula a leitura de espécie.

5. Questões para uma explicação

Como se pode observar do que foi dito anteriormente, os predicados de indivíduo (ou predicados com ‘traços’ destes predicados) constituem uma condição necessária para a leitura de espécie de um nominal. No entanto, tal condição não é suficiente para a obtenção dessa leitura uma vez que são possíveis exemplos com predicados de indivíduo em que a leitura do nominal não é de espécie, como em (119).

(119) O(s) miúdo(s) é/ são inteligente(s).

Por outro lado, alguns predicados de espécie podem eles próprios ser objecto de generalização como é o caso de (103), aqui repetido, em que parece ser possível aceitar *os lobos estarem em vias de extinção* como uma situação única que se pode quantificar, o que, note-se, é típico dos predicados de estádio.

(120) Sempre que os lobos estão em vias de extinção, a sua caça é expressamente proibida.

É claro que se pode considerar que este predicado de espécie é de um tipo particular, mas o que aqui é relevante é notar que tal como é possível construir frases genéricas a partir de uma variável de situação, a que corresponde tipicamente um predicado de estádio, também, em certas circunstâncias, um predicado de espécie parece poder fazê-lo. Assim, a mudança de tipo de predicado surge como uma possibilidade, embora fique por averiguar em que condições isso pode ocorrer.

Por último, como podemos explicar que a partir de um evento singular como é o descrito por *Neil Armstrong chegou à Lua em 1969* se possa fazer uma generalização de modo a que o nominal em posição de sujeito da frase *o homem chegou à lua em 1969* apresente uma leitura de espécie?

Estas questões, associadas à possibilidade de constituir um termo de espécie com um nominal singular, colocam alguns problemas à determinação do que envolve um termo de espécie.

Com efeito, *espécies* podem ser conceitos de indivíduo de um certo tipo: funções de mundos (ou situações) para pluralidades, isto é, a soma de todas as instâncias da espécie²⁰. Mas o que é instanciado por um só indivíduo não pode qualificar-se como uma espécie (cf. Chierchia, 1998).

De acordo com Chierchia, há, no entanto, nominais que denotam espécies e ocorrem naturalmente em contextos episódicos, como em (120). Neste caso, quando uma posição argumental é preenchida por um termo de espécie, o tipo de predicado é automaticamente ajustado para introduzir uma quantificação existencial (local) sobre instâncias da espécie (cf. 121'). Isto é feito por um mecanismo de mudança de tipo designado «Derived Kind Predication», (cf. 122).

(121) Aquela espécie de animal está a estragar o meu jardim.

(121') $\exists x [\cup \text{aquele tipo de animal } (x) \ \& \ \text{estragar o meu jardim } (x)]$

(122) Se P se aplica a objectos e k denota uma espécie, então

$P(k) = \exists x [\cup k (x) \ \& \ P (x)]$

Assim, uma hipótese de solução para uma frase como (123) seria a de considerar que tal propriedade se aplica à espécie (homem) e também se aplica a um indivíduo através de uma quantificação existencial (123').

(123) O homem chegou à lua em 1969.

(123') $\exists x [\cup \text{o homem } (x) \ \& \ \text{chegar à lua em 1969 } (x)]$

²⁰ Note-se que pode, por vezes, ter uma só instância ou nenhuma (como é caso do dodô).

Mas neste caso particular o processo parece seguir a via inversa. Essa é talvez a razão por que (124) não tem uma leitura de espécie por contraste com (125) que a pode exibir sem qualquer problema.

(124) #O americano chegou à lua em 1969. (leitura de espécie)

(125) Os americanos chegaram à lua em 1969. (leitura de espécie)

Uma questão não abordada neste trabalho é a da possibilidade de um termo de espécie se poder constituir com um nome contável no singular associado a artigo definido²¹. Apesar da pouca atenção dada a este problema, Chierchia (1998) aborda-o considerando a existência de dois tipos de termos de espécie, «espécies plurais» e «espécies singulares». No primeiro caso estaríamos perante um conjunto e no segundo caso perante um colectivo, considerado como um átomo. Esta sua proposta poderá ajudar a esclarecer a questão colocada acima.

Assim, parece-nos possível propor que enquanto «espécies plurais» devem ocorrer com estativos, em particular predicados de indivíduo (ou com traços destes predicados), «espécies singulares» podem também ocorrer com eventos.

Concluindo por agora, podemos dizer que, para além de uma leitura de espécie parecer estar confinada, de uma forma ou de outra, a configurações que manifestem «marcas» ou traços de predicados de indivíduo, mesmo que estes não pertençam ao seu «perfil» semântico de origem, outros factores estão possivelmente envolvidos, como o contexto e o conhecimento do mundo.

Diferentemente da ideia de que a genericidade envolve ou termos de espécie ou frases genéricas, parece-nos que a leitura de espécie de um nominal depende também de toda a frase, em particular do predicado, pelo menos em línguas como o português.

Por último, parece-nos relevante mencionar que as frases habituais se comportam como predicados de indivíduo e por isso são um bom contexto para as frases genéricas caracterizadoras.

Referências Bibliográficas

CARLSON, G. (1977) – *Reference to Kinds in English*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Massachusetts, Amherst. Publicado em 1980 por Garland Press, Nova Iorque.

²¹ Esta construção encontra-se também em inglês, apesar de os termos de espécie terem geralmente o formato de nomes simples no plural (contáveis) ou no singular (massivos).

- CARLSON, G. (1989) – «The Semantic Composition of English Generic Sentences» in Chierchia, G. B. Partee e R. Turner (orgs.) *Properties, Types and Meaning*, vol 2: *Semantic Issues*. Dordrecht: Kluwer, pp. 167-191.
- CHIERCHIA, G. (1995) – «Individual-Level Predicates as Inherent Generics» in Carlson, G.N. e Pelletier, F. J. (orgs.) *The Generic Book*. Chicago: The Chicago University Press, pp. 176-223.
- CHIERCHIA, G. (1998) – «Reference to Kinds across Languages». *Natural Language Semantics* 6:339-405.
- CUNHA, L.F. (1998) – «Os Operadores Aspectuais do Português: Contribuição para uma Nova Abordagem» *Cadernos de Linguística*, n.º 1, CLUP, 38 p.
- De SWART, H. (1991) – *Adverbs of Quantification: A Generalized Quantifiers Approach*. PhD Dissertation. Gröningen.
- DUARTE, I., GONÇALVES, A., MIGUEL, M. e MOTA, M. A. (1998) – «'Não cheguei de aprender nada'. Áreas de Variação e Tendências de Mudança no Português de Moçambique» *Actas do XIV Encontro da APL*, vol. I, pp. 477-493.
- KLEIBER, G. (1990) – *L'article LE générique: La généralité sur le mode massif*. Genebra: Librairie Droz.
- KRATZER, A. (1995) – «Stage-Level and Individual-Level Predicates» in Carlson, G.N. e Pelletier, F. J. (orgs.) *The Generic Book*. Chicago: The Chicago University Press, pp. 125-175.
- KRIFKA, M., et al. (1995) – «Genericity: An Introduction» in Carlson, G.N. e Pelletier, F. J. (orgs.) *The Generic Book*. Chicago: The Chicago University Press, pp. 1-124.
- LEWIS, D. (1975) – «Adverbs of Quantification» in Keenan, E. (org.) *Formal Semantics of Natural Language*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-15.
- LONGOBARDI, G., (2001) – «How Comparative is Semantics? A Unified Parametric Theory of Bare Nouns and Proper Names». *Natural Language Semantics* 9, pp. 335-369.
- MOENS, M. (1987) – *Tense, Aspect and Temporal Reference*. Dissertação de Doutoramento, Edimburgo.
- MÜLLER, A. e OLIVEIRA, F. (2002) – «Nomes Simples e o Parâmetro Nominal no Português Europeu e no Português Brasileiro». Apresentação no 3.º Colóquio Português Europeu e Português Brasileiro: Unidade e Diversidade na passagem do Milénio. FLUL, Lisboa.
- OLIVEIRA, F. (1998) – «Frasas Genéricas: Algumas Especificidades do Português» *Seminários de Linguística*, 2, pp. 5-19.
- OLIVEIRA, F. e CUNHA, L. F. (2001) – «Especificidade e tipos de Predicação». Apresentação no Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP. FLUP, Porto.
- PARSONS, T. (1990) – *Events in the Semantics of English: a Study in Subatomic Semantics*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.